

“FUI SEMPRE UM PROFESSOR”: ENTREVISTA COM PAULO NOGUEIRA NETO

Vera Rodrigues*

* Psicóloga. Mestra em psicologia escolar pela Universidade de São Paulo – USP. Especialista em Educação Ambiental pela Universidade de Strathclyde. E-mail: verarodrig1@gmail.com

Há muito tempo meu amigo Marcos Reigota, a quem agradeço o convite para escrever nessa Revista, me pedia para publicar a entrevista que realizei com o Dr. Paulo Nogueira Neto. Só agora pude fazê-lo.

Penso que a melhor maneira de apresentar essa entrevista é por sua contextualização, considerando que o entrevistado dispensa maiores apresentações.

Em 2008, ano de realização da entrevista, eu pesquisava a influência política das organizações não governamentais internacionais, que utilizam educação ambiental como estratégia para difundir uma práxis hegemônica de intervenção. Como estudo de caso, escolhi analisar as práticas do WWF – Fundo Mundial para a Natureza, por sua dimensão e atuação em 130 países, inclusive no Brasil. Interessava-me analisar como o WWF, por meio de sua política de educação ambiental, no período que coincide com sua institucionalização no Brasil, foi um elemento portador dessa estratégia. A pesquisa fez parte de um doutorado, ainda não concluído, no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano Regional da UFRJ.

Como se pode perceber pelos programas e pela maioria das publicações, por meio da importação e tradução de conceitos, o WWF vincula educação ambiental ao ensino de ecologia, da biologia ou de conteúdos voltados à conservação da natureza.

Segundo Bordieu e Wacquant (2002), em artigo intitulado “Sobre as artimanhas da razão imperialista”, discorrem sobre esses processos de reprodução ideológica. O artigo focaliza a relação entre o que é produzido nos Estados Unidos e reproduzido em toda parte do mundo. Todavia, nota dos próprios autores sublinha que não se trata de “antiamericanismo” e que suas considerações, guardadas as proporções, são válidas para outros campos e países.

A legitimação da transposição dessas ideias e pressupostos ocorre por meios variados, como publicações, relatórios de especialistas, seminários; o que a sustenta e intermedeia são

espaços pretensamente neutros, como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) ou a Comissão Européia, por exemplo.

O processo de dominação ocorre não apenas pela via econômica. Conforme sublinha Reigota (1999, p. 37):

[...] a dependência do Sul não se restringe às verbas e financiamentos de cooperação dos países do Norte, mas ao que é mais importante e menos avaliado: toda uma concepção política, cultural, econômica e ecológica que favoreça a continuidade de supremacias de blocos e de países do Norte e dos seus aliados do Sul.

Nas negociações internacionais que têm como base a ecologia, muitos profissionais, políticos e técnicos que delas participam voluntária ou involuntariamente acabam por fortalecer a relação de dependência e neocolonialismo dos países e instituições do Norte, que pretendem continuar a ditar as diretrizes políticas a serem seguidas.

Romper com essa lógica implica necessariamente um embate ideológico. Foi precisamente essa a marca do projeto que constituiu uma exceção às práticas regulares do WWF: “Muda o Mundo, Raimundo! - Educação Ambiental no Ensino Básico do Brasil”.

No projeto, que também ficou conhecido como “Movimento Raimundo”, a educação ambiental foi abordada a partir de conceitos históricos, culturais, sociais, ecológicos e políticos, uma vez que a questão ambiental está diretamente relacionada à distribuição de terra, de renda, à qualidade de vida à qual todos e todas têm direito.

Um programa com esse conceito de educação ambiental teve permanência curta no WWF, já que colidia com a estrutura da instituição, por razões já apontadas acima. Dois anos após seu início, foi transferido para o Instituto Brasil de Educação Ambiental, criado para abrigar o projeto.

É esse o objeto empírico da pesquisa em curso. Para estudar como se configura a identidade institucional, parte do método consistiu em entrevistas abertas com diretores e técnicos do WWF, no Brasil e no Reino Unido, considerando a participação da Inglaterra, especificamente, nos projetos de educação ambiental, no início do WWF-Brasil.

Parte do método da investigação consistiu de entrevistas abertas com diretores e técnicos do WWF, no Brasil e no Reino Unido, considerando a participação da Inglaterra, especificamente, nos projetos de educação ambiental, no início do WWF-Brasil.

Por ser presidente emérito do WWF, o Dr. Paulo Nogueira Neto também foi entrevistado. O objetivo, nesse momento, não é analisar a entrevista e, sim, reproduzi-la.

Convidei o Dr. Paulo para um almoço, num restaurante italiano tranquilo, no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro. Ele gentilmente aceitou o convite e a realização da entrevista, cuja gravação está transcrita, a seguir. Foi uma conversa descontraída e repleta de histórias, como o leitor e a leitora perceberão. Dr. Paulo tinha 86 anos.

Vera Rodrigues: A primeira pergunta que eu faço para os entrevistados é sobre a trajetória pessoal de cada um, o percurso. Queria saber o que motivou o senhor, lá atrás, a escolher a área ambiental como principal foco do trabalho que o senhor desenvolveu.

Paulo Nogueira Neto: Olha, é difícil dizer exatamente porque, desde menino, desde os quatro anos de idade que eu gosto de coisas da natureza, minha mãe me dizia que eu atravessava as ruas de São Paulo, de paralelepípedo, e entre os paralelepípedos crescia a florzinha, então que eu parava no meio da rua, quando via uma florzinha para pegar a florzinha. Isso era perto da Praça Buenos Aires. E meu avô era fazendeiro de café, mas ele gostava muito de natureza, chegou até comprar uma floresta em campinas para preservar. Mas é também o aspecto curioso, digamos assim, o que não quer dizer que seja genético. Eu sou descendente de José de Bonifácio. Então ele foi considerado o primeiro ecólogo, digamos. Não propriamente ecólogo, mas ambientalista. Então, tem essa tradição. Se bem que minha mãe, ela mantinha amizade com os primos descendentes também da mesma família, mas nenhum deles tinha vocação ambiental, foi mais meu avô paterno que influenciou.

Vera Rodrigues: O senhor é um ícone na área ambiental no Brasil, com repercussão internacional do seu trabalho, da sua trajetória. Há dois momentos importantes, sobre os quais eu queria que o senhor contasse um pouco. O primeiro, a própria criação da secretaria de meio ambiente em plena ditadura militar. Como foi o processo, o trânsito, a discussão dessa temática naquela época?

Paulo Nogueira Neto: Bom, isso é uma história bastante curiosa porque, antes disso, eu já era ambientalista. Eu vou contar minha escolha para secretário federal, mas o primeiro impacto que nós tivemos, eu e um grupo de amigos, foi quando destruíram o Pontal do Paranapanema, em São Paulo, porque era terra do governo com floresta intacta. Os dois jornais importantes, que eram a Folha de São Paulo e o Estadão pouco se manifestaram, porque não era interesse do público, o público ignorou. Apesar de que o Mário Guimarães, jornalista da Folha, publicava toda semana pelo menos um artigo mostrando a necessidade de salvar aquela floresta. Mas precisava de lei na assembleia e não passou. Então, começamos com uma derrota. Na realidade, foi meia derrota por causa do Renato Costa Lima, que era secretário da Agricultura, eu até fui assessor dele. Fizeram

uma malandragem para anunciar e vender a terra. As pessoas declaravam que deviam o imposto territorial, a secretaria da Fazenda multava, o sujeito não pagava, punham o lote em licitação porque ele não tinha pago, aí o sujeito comprava. Houve um dia que eles marcaram para entrar lá, porque estava com o lugar marcado, parte do Morro do Diabo, uma parte do Pontal e alguém comprometido com a preservação mandou a policia ambiental. Naquele tempo não era ambiental, era só Força Pública, digamos assim, era o nome da polícia militar de São Paulo. Dali uns dias, o escândalo público. Aí a justiça anulou os títulos todos e conseguimos salvar 34.000 hectares, que hoje é o Parque Estadual do Morro do Diabo. Então, essa foi a primeira vitória, mas no geral, o Pontal foi uma derrota. Bom, então eu tinha essa visão lógica, atuação ambientalista. E eu recebi um convite do Henrique Brandão Cavalcanti para falar com ele em Brasília, eu só tinha visto o Henrique uma vez antes, e eu fui lá. E ele mostrou o decreto que ele tinha conseguido, com muita dificuldade, criando a Secretaria Federal do Meio Ambiente.

Vera Rodrigues: Quando foi isso?

Paulo Nogueira Neto: Em 1973. Ele me convidou e quando eu li o decreto, eu achei muito ruim, achei fraco e não ruim, achei fraco, porque não tinha o menor poder de polícia, era um decreto assim para estudar o assunto, criando uma secretaria para estudar o assunto. Então eu li e desci a lenha no decreto. Eu não sabia que aquilo era o que ele tinha conseguido, mas quando acabei de falar, ele disse: mas você aceitaria ser o secretário? Aí eu disse: se minha mulher concordar, eu também concordo. Por uma razão muito simples, ela tinha uma vida muito pacata em São Paulo, família antiga, numerosa, que faz café da manhã em casa de um, em casa de outro, o espírito familiar muito grande. Então eu telefonei para ela, ela concordou. Aí eu aceitei e me deram três salas e cinco pessoas para cuidar do meio ambiente do Brasil inteiro. Aceitei porque, imediatamente, eu vi o alcance da coisa. Quando ele me convidou, eu fiquei assim espantado, mas eu percebi imediatamente que aquilo tinha um alcance tremendo, embora fosse pequeno e tal, mas aí nós começamos a trabalhar descobrindo lugares que tinham problemas ambientais, divulgando nos jornais. Então, a imprensa ajudou. Eu fiz vários amigos: Rogério Marinho, ele era representante da Globo junto com o governo federal, mas ele me apoiou cem por cento. Nunca me pediram nada de errado, nunca. Nunca tive o menor problema com ele e eles até hoje gostam

do meio ambiente, inclusive o WWF eles ajudaram sempre muito, e apoiaram o WWF no Brasil. Mas aí eu vi imediatamente duas coisas: em primeiro lugar, era para controlar a poluição, não era para cuidar da preservação, para isso já existia órgão que era o IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal). No começo, nós tentamos absorver esse instituto, mais eles não quiseram. Então, eu corri ao Henrique Cavalcanti, a sede deles era aqui no Rio de Janeiro, o Governo Federal era aqui. Nós fomos falar com o presidente do IBDF. Ele só nos faltou por fora da sala dele, furioso. “Vocês querem destruir o IBDF!” Não adianta pedir para eles os parques nacionais, e ele dizia: “vocês vieram destruir e eu não admito!” Bravo, bravo mesmo. Então eu resolvi, com o apoio do Henrique, que a nova entidade se ocuparia também da preservação da natureza, de conservação. Para não ofender o IBDF, eu cheguei a proibir o meu pessoal, o que parece muito estranho, de usar a palavra floresta. Porque eles o consideravam o IBDF donos das florestas. Então nós só falávamos em biota, nós cuidávamos da biota e deixávamos as florestas com eles. E aí fomos rompendo os problemas que havia. Em Minas Gerais, havia uma fábrica de cimento em Contagem, fazia uma poluição muito grande. Em Porto Alegre havia fábrica de celulose, fazia uma poluição terrível e acabou fechada. Mas aí foram mudando recursos, mudando pessoas, mas sempre com poucos recursos. E a gente tinha que se virar com poucos recursos.

Vera Rodrigues: Como foi esse trânsito político?

Paulo Nogueira Neto: Olha, vou te dizer, eu nunca tive nenhum problema político, mas é muito simples, eu fazia questão de não entrar na política. Duas vezes me convidaram para entrar no partido do governo, duas vezes eu recusei, não aconteceu nada. Mas aí faziam tanta questão porque tem toda tradição política, democrática, o meu pai foi exilado político durante oito anos no tempo do Getúlio. Eu, quando era estudante, lutei muito contra o estado novo. Mas na secretaria eu não entrava em política. O governo não reclamava disso não, pelo contrário, era um setor em que não havia lutas políticas. Então, lá no governo a gente não dava dor de cabeça para eles, mais também não apoiava.

Vera Rodrigues: O segundo aspecto importante na sua trajetória é o fato de o senhor ter sido o único brasileiro a participar da Comissão que definiu o conceito de desenvolvimento sustentável. O senhor pode contar um pouco como foi esse processo?

Paulo Nogueira Neto: Bom, foi uma comissão que foi iniciada pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Na época, era a terceira comissão mais importante que as nações unidas tiveram. Era composta por 23 pessoas. Havia três representantes da América Latina (um da Colômbia, outro do México e eu. Mas o mexicano brigou logo, porque ele queria que uma subseção da Comissão fosse no México. Eu fiquei até o fim, eu dizia que queria ir até o fim. O grande impacto da Comissão foi o conceito de desenvolvimento sustentável, que era muito pouco conhecido, e nós estávamos muito impressionados. Era o começo, mas já havia o problema demográfico. A Comissão era bem rica, o Japão financiava, basicamente, vários países mais principalmente o Japão. E nós contratamos os maiores geólogos e outros profissionais que tinham por aí e eles disseram uma coisa que para nós foi extremamente importante: “olha, a população explode nos lugares onde há miséria”. O que é lógico, mais a gente que está fora não sabe. Aí nós tivemos certeza, nós fomos ver se economicamente era possível ou não erradicar a miséria. E fizeram um cálculo: se gastassem mais ou menos 250 bilhões de dólares por ano, entre dez, quinze ou vinte anos - muito difícil precisar o número exato de anos - mas você erradicaria a miséria. Então, você passa a pensar em como erradicar a miséria. Não pode ser qualquer tipo de desenvolvimento. Aí surgiu a ideia de se criar um desenvolvimento que não prejudicasse nem a geração atual, nem a geração futura e alguém lá falou em desenvolvimento sustentável. Hoje nem se sabe quem falou. Porque falou e pegou. Quer dizer, não fizemos nenhuma descoberta nova, apenas usamos os dados que nos deram. Ficamos contentes da gente poder fazer uma coisa, de buscar erradicar a miséria com o apoio geral, porque ninguém eticamente pode ser contra a erradicar a miséria, ninguém. Então teve um apoio amplo geral. Mas a comissão, ela se reunia a cada três meses num país diferente, fazíamos uma audiência pública naqueles países todos, inclusive fizemos na União Soviética, sempre com muito apoio.

Vera Rodrigues: Esse conceito nasce vinculado à preocupação demográfica, mas com um forte eixo na erradicação da miséria. E ao longo desse tempo? Por que esse enfoque praticamente desapareceu dos discursos contemporâneos acerca do desenvolvimento sustentável?

Paulo Nogueira Neto: Isso diluiu, mas a grande diferença eu vejo a seguinte: é que nós, ambientalistas, achamos que os governos sociais eram muito importantes, mais eram outros departamentos, não precisava cuidar deles. E hoje mudou a visão. Hoje, nós sabemos que as duas coisas estão intimamente ligadas e o problema social tem que receber prioridade. Hoje, o movimento ambientalista fala das duas coisas, então teve uma influência grande. Agora a primeira influência foi colocar isso na Rio 92. Depois da Rio 92 houve um declínio, não se sabe bem porque. As coisas não estavam assim tão maduras ainda, no sentido de se perceber os danos que a devastação do meio ambiente podia trazer em relação à erradicação da miséria. Veja, 250 bilhões de dólares, naquele tempo em que os países gastavam em armamentos um trilhão de dólares, quatro vezes mais. Então, nós também descobrimos - aí vem a sua pergunta, também - que a motivação tem sido mais política. Por que gastavam esse dinheiro todo em armamentos? Os países que podiam gastar, gastavam em armamento. A Rio 92 deu uma força política momentânea. Depois houve um declínio e agora tá subindo rapidamente, muito mais do que a gente esperava.

Vera Rodrigues: E nesse percurso, como o senhor incorporou o WWF na sua vida, na sua trajetória?

Paulo Nogueira Neto: Eu incorporei acidentalmente, era uma entidade ambientalista e tal, e eles tinham uns dos maiores botânicos, na época. Ele trabalhava na Amazônia e ficou como principal conselheiro do Duque de Edimburgo. Ele era presidente do WWF. Ele fala português e ele assoprou para o duque que eu era... Não sei exatamente o que ele falou, mas aí me deram o segundo prêmio do Duque de Edimburgo do WWF, que é uma medalha de ouro. Inclusive quando eu ganhei essa medalha de ouro, levei a família para a Inglaterra. Eles foram lá, minha mulher já tinha falecido, mas eu assisti no palácio a cerimônia. Para me dar a medalha, o Duque organizou lá um jantar grande num dos salões, e eu fui ver o lugar. Levaram-me antes, e eu disse:

“isso aqui ta muito solene”. Eu preparei meu discurso, eu falo inglês bem e eu preparei meu discurso em inglês, em folhas soltas. Só que eu estava de smoking, e aquilo quase não tem bolso. E ninguém anda com smoking levando pasta, ainda mais no palácio. Então, eu levei comigo na mão as folhas do discurso e sentei-me à mesa do Duque. Acontece que nós, em São Paulo, temos alguns hábitos italianos, entre os quais nós falamos muito com as mãos, que é um hábito típico italiano. E quem mexe muito com as mãos acaba, sem querer, mexendo com os pés. Cheguei lá, eu pus embaixo da mesa as folhas e durante o jantar e eu chutei, sem querer, as tais folhas. Quando foi chegando a hora do discurso, eu abaixei e vi aquilo. Comecei disfarçadamente a catar. Aí o Duque viu, deu uma risadinha. A senhora ao lado me ajudou a catar as folhas e aí eu fui saudado. O sujeito que me saudou disse que eu tinha sido o secretário de Meio Ambiente, alias que ainda era, quando já tinha sido. Foi mais ou menos um ano depois da saída da secretaria, dizendo que eu tinha sido secretário do Meio Ambiente sob o regime militar. Eu fiquei tão bravo com a história que larguei as folhas todas e falei de improviso. Eu disse que realmente eu tinha trabalhado durante o regime militar, mas que eu não me metia em política e havia em grande parte uma aliança dos militares com os conservadores. Todo mundo que estava lá era conservador, não é? Eu dizia que ao mesmo tempo em que eu era do governo, eu também assessorava a oposição, o que era verdade, porque minha mulher era a umas das maiores amigas da mulher do Ulisses. Eu frequentava a casa do Ulisses, porque como eu não me metia em política eu podia ter essa liberdade. Montoro, que era da oposição, nos ajudou muito na legislação ambiental, em 1981. Era o líder da oposição e era meu amigo em São Paulo. Então, eu tinha um ótimo trânsito na oposição, também. Eu contei isso.

Vera Rodrigues: Qual a relação entre seu trânsito, tanto no governo quanto na oposição, com a formulação de políticas ambientais?

Paulo Nogueira Neto: Esse fato de eu ter bons laços com a oposição me ajudou muito, porque a lei da política nacional do meio ambiente até hoje está em vigor. Foi criticada em alguns pontos, como toda lei, mas basicamente ela está em vigor. Houve a criação do CONAMA (Conselho Nacional do Meio Ambiente), e essa lei foi aprovada unanimemente, tanto pelo governo quanto pela oposição, porque eu auxiliava os dois. E outra coisa que me ajudou muito é o seguinte: eu sou cristão, católico, praticante. Eu procuro viver a norma do meu amor ao próximo, coisas assim. Então, a primeira coisa que eu achei que coube, meu dever era tratar bem os outros, que é o mandamento do amor ao próximo. Isso me ajudou. Eu não fiz de caso pensando, mas na realidade me ajudou enormemente. Eu nunca perguntei para ninguém qual era a sua religião, sempre tratei todo mundo igualmente, mas procurava ter um bom convívio, inclusive com o pessoal da oposição, o próprio IBDF. Eu era amigo de Maria Tereza Pádua, que era minha rival nas decisões. Depois, ela até teve um papel importante no IBAMA. A história da fusão do IBAMA foi assim. O Sarney - porque eu saí na metade do Sarney - prova que eu tinha bom trânsito na oposição. O Sarney queria fazer uma coisa só do IBAMA e do IBDF. Então, ele fez um decreto incorporando o IBDF na secretaria do Meio Ambiente. Bom, o secretário, ele não teve habilidade suficiente para aguentar o tranco, porque nós éramos 350 e o IBDF tinha seis mil pessoas, a maior parte no Rio de Janeiro. Ele é falecido, uma boa pessoa, mas ele tinha umas ideias um pouco extravagantes. Ele sentou-se na cadeira do diretor do IBDF, começou a mandar lá e dizer que dava ordens, umas coisas assim. Não vou dizer as palavras exatas porque eu não vi, mas eu soube que ele aumentou tremendamente o descontentamento que havia lá, no IBDF. E aí eu digo brincando que os dias de glória do IBDF foram quinze dias.

Vera Rodrigues: Voltando um pouco, o senhor começou no WWF pela esfera internacional, não?

Paulo Nogueira Neto: Não, o WWF internacional tratou de me convidar, então eu participei da estrutura do Brasil.

Vera Rodrigues: O senhor é presidente emérito, atualmente?

Paulo Nogueira Neto: Grande surpresa para mim, porque não tinha esse título de presidente emérito eu fui o primeiro na rede mundial do WWF. E eu continuo, eu hoje estou numa posição honorária muito boa porque eu sou cidadão honorário de Brasília, sou membro honorário, presidente do WWF e sou membro honorário do Conselho Federal do Meio Ambiente, em São Paulo. Eu tenho uma cadeira lá. E sou também do Jardim Zoológico de São Paulo, sou membro honorário do Conselho, eu frequento essas entidades.

Vera Rodrigues: O senhor é bastante atuante ainda, o que é muito admirável.

Paulo Nogueira Neto: Inclusive no CONAMA, fui presidente de uma reunião da Câmara sobre biodiversidade. Uma vez me perguntaram: qual é o segredo? Por que você se da bem com todo mundo? Eu disse: é muito simples. É que eu trato bem todo mundo.

Vera Rodrigues: Mas além da simpatia, há que ter habilidade também, não?

Paulo Nogueira Neto: Tem que ter, não é? A maneira de conseguir as coisas é na amizade.

Vera Rodrigues: Eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre educação ambiental. Como o senhor vê o lugar da educação ambiental, tanto no WWF, quanto no governo?

Paulo Nogueira Neto: Em São Paulo, existe um prêmio nobre na área da educação. É muito badalado, porque faz parte do desenvolvimento e tal. O CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola) - que é a entidade que trata dos estágios de estudantes e empresas particulares - recebe muita ajuda da área patronal, digamos assim, mas é dedicado a isso basicamente: colocar jovens

estudantes nas empresas e pagar para eles. Isso é feito junto com o Estadão. Em 2006, eles deram o prêmio para mim, porque eu fui professor. Por muitos anos na realidade eu fui professor, minha trajetória de estudo é meio complicada, primeiro eu me formei em direito.

Vera Rodrigues: O senhor chegou a exercer a profissão de advogado?

Paulo Nogueira Neto: Eu exerci. Na realidade, no começo, na área de direito ambiental eu ajudei no preparo de leis ambientais, aí a formação me ajudou muito. Tem toda uma técnica legislativa, maneira de escrever e ler o que ali pode e não pode ter. Isso me ajudou muito, e até hoje, uma vez por mês eu almoço, me encontro com meus antigos colegas da faculdade de direito. Então eu não joguei às traças o meu diploma e para mim tem sido bastante útil.

Vera Rodrigues: Voltando à educação ambiental...

Paulo Nogueira Neto: Então, eu gosto de ser professor, o título que eu mais gosto é ser professor. Eu sou de qualquer grau, sou primário, sou secundário, sou universitário. Porque professor é quem modela as gerações seguintes. E gosto muito de ser professor não só pelo convívio com os alunos, que é tudo de bom, mas também porque eu aprendo, porque eu tenho que preparar aula e eu aprendo com eles, na realidade do mundo que eles vivem.

Vera Rodrigues: Como professor, o senhor acha que a educação ambiental tem a devida importância, no país?

Paulo Nogueira Neto: Eu acho que está, digamos assim, com uma importância crescente. Mas tem uma coisa que está atrapalhando muito, que é o seguinte: o país não tem muita consciência da importância do ensino, nem os recursos para educação. E o resultado qual é? O professor é mal pago e ele sendo mal pago atrai poucos os jovens. Então, eu acho isso, é um grande problema. Eu fui presidente do Conselho Federal dos Biólogos. Fui duas vezes presidente, fui fundador. Outro dia, eles me chamaram porque estavam tendo um problema lá, porque o ministério da Educação tem biologia em raríssimas escolas. Só que não tem professor de biologia

suficiente, ou o biólogo não é muito adequado e tal. Então, eles queriam fazer com que o ensino de biologia fosse a distância. Não tinha muito a ver. Achamos que o biólogo tem que ter aula prática para ter uma vivência prática como andar no mato, serrado. Andar por aí, tem que ter certa prática que educação a distância não dá; assim como outras profissões: médico, engenheiro tem que ver os temas na prática. Nós entramos num acordo com eles e eu tomei parte dessas discussões. Foi o seguinte: aqueles que vão ensinar biologia não precisam ter aulas práticas, lógico que têm que ter uma noção, mostrar um microscópio coisa assim, mas não precisa ter aula prática. Agora, quem for bacharel em biologia, esse tem que ter um curso, eu tenho mais de cinquenta cursos. Mas olha, eles precisam mais ou menos de centenas, acho que de 800 professores exatamente, porque as aulas de biologia são dadas por pessoas como médicos, aposentados... Agora está melhorando um pouco, porque o salário do professor aumentou.

Vera Rodrigues: Alguma outra questão que eu não tenha feito, e que o senhor considera importante acrescentar?

Paulo Nogueira Neto: Em relação à educação, nós sempre tivemos muitas dificuldades. No ministério da Educação, por exemplo, nós gostaríamos que a ecologia fosse um assunto, uma matéria básica, e não é. O ministério se opõe até hoje contra isso, eles acham que biologia deve ser ministrada em todos os anos secundários sim, mas o curso primário não tem isso. No curso básico você não tem essa abordagem sobre a proteção da natureza. Várias vezes a gente já falou, mas eles dizem que muita matéria atrapalha, que já tinham matéria demais. Eles procuraram enxugar. É uma ideia também, mais prejudica a parte ecológica.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic. Sobre as artimanhas da razão imperialista. **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 15-33, 2002.

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. São Paulo: Cortez, 1999.

RODRIGUES, Vera. **Muda o mundo, Raimundo!** Educação Ambiental no Ensino Básico do Brasil. Brasília: WWF, 1997.